

Província
Nossa Senhora de Guadalupe
- N° 10-



Roteiros de Formação
Tempo do Advento e do Natal

APRESENTAÇÃO

Prezados Irmãos Sacramentinos,

Estamos chegando até vocês com mais um Roteiro de Formação.

Desta vez, estamos compartilhando duas importantes reflexões que foram feitas na nossa Assembleia Provincial, os autores são Dom Jorge Bezerra, sss e Pe. Francisco Júnior, sss e uma Lectio Divina para a *Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus*.

Os textos tem uma grande profundidade e vale a pena meditá-los pessoal e comunitariamente. Esperamos que obtenham muitos frutos a partir destes textos e que eles se concretizem em obras de Misericórdia segundo a experiência do Padre Eymard.

Aproveitamos a oportunidade para lhes desejar uma profunda vivência do Tempo de Advento e um Feliz Natal!

Equipe dos Roteiros de Formação

PADRE EYMARD, HOMEM EUCARÍSTICO E MISERICORDIOSO

Dom Jorge Alves Bezerra, SSS
Bispo de Paracatu – MG – Brasil

O que me leva a redigir as páginas subsequentes é o afeto filial que me une ao Padre Eymard, como inspirador e motivador da minha *Sequela Christi*. Eu o concebo como um sacerdote místico e pastor, que penetrou profundamente no mistério do amor de Deus, manifestado na eucaristia, e o revelou aos seus contemporâneos. A Palavra de Deus foi uma luz que guiou seus pensamentos e norteou suas ações. O Padre Eymard dialoga intimamente com a PD e deixa que ela penetre sua mente e seu coração; assim, ele compreende o que o Senhor deseja de si e se põe à disposição para fazer a sua vontade. No que tange a misericórdia, ele não se detém numa apreciação superficial, mas a analisa em profundidade e se deixa interpelar pelas atitudes de Deus. Agindo assim, ele adquire aquela compreensão que molda o ser e o agir do homem eucarístico e misericordioso. Sua hermenêutica pastoral visa o aperfeiçoamento da vida espiritual e a formação dos religiosos e leigos sacramentinos à santidade. Ele se define como um homem *sempre a caminho*, isto é, como alguém que está em processo de descoberta permanente da vontade de Deus. O dinamismo da sua vida revela a conduta típica do discípulo do amor eucarístico. Esse amor movimenta a sua existência e se torna o único centro de referência do seu apostolado. De acordo com o Padre Eymard, o apostolado eucarístico requer mulheres e homens de coragem, dispostos a abraçar a loucura da cruz para adquirir a virtude. As vocações eucarísticas devem estar prontas para receber a humilhação e o desprezo para que Jesus Cristo em seu divino sacramento seja amado e glorificado. Esta é toda a recompensa que eles devem desejar (Cf. PR 149,11 90C XIV, 463-464). Para atender as necessidades do seu carisma eucarístico, ele utiliza a Sagrada Escritura como fonte de consulta permanente nas suas homilias e

atividades formativas, especialmente quando prega retiros para os religiosos e leigos. Sua exegese espiritual é clara e confiável, porque apresenta uma proposta de configuração com Cristo centrada na Palavra, na Eucaristia e no amor misericordioso. Em suas atividades pastorais, apresenta a figura de Deus como Pai misericordioso; em seguida, revela como Deus exerce a sua misericórdia por meio de JC e finalmente como JC exerce sua misericórdia através da Igreja. O Padre Eymard leva seus interlocutores a se interrogarem diante do mistério do amor de Deus, que age sempre da mesma forma, ou seja, com largueza de misericórdia. A misericórdia de amor oferece sempre o mesmo amor, até o fim: amor que não leva em conta os pecados. Ele mesmo tem dificuldades para compreender esse modo de agir de Deus. Mas conclui: é necessário se entregar à misericórdia, confiar, mergulhar no oceano da misericórdia e do amor de Deus. Deus está sempre muito perto de nós: na eucaristia e nos irmãos. Do coração eucarístico de Jesus flui uma fonte inesgotável de misericórdia. É nessa fonte que todos devem beber. Cada um deve conformar sua vida com a vida do Senhor para ocupar com humildade e zelo o lugar que lhe é próprio junto ao trono da misericórdia. Dessa experiência espiritual profunda jorra um manancial de amor que *acolhe, perdoa, socorre e ilumina* o agir cristão. A eucaristia é o alimento da misericórdia, que desperta a compaixão e ativa a solidariedade como serviço gratuito ao próximo. Se no tempo do Padre Eymard havia desumanidade e exploração do homem pelo homem, se a sede de progresso a todo custo era insaciável, a ponto de não sobrar tempo para as pessoas irem à Santa Missa e frequentarem as catequeses paroquiais, quanto mais hoje que vivemos num mundo que aparentemente se paganiza cada vez mais e permanece indiferente aos apelos de humanização da vida. Entre os nossos contemporâneos constatam-se a relativização dos valores evangélicos, a inconsistência da vida espiritual, o menosprezo pelo sagrado, enfim os corações vazios de Deus convivem com uma perda ética substancial. O mundo que nos rodeia parece cada vez mais privado de Deus. Inspirados no Padre Eymard, que respostas daremos a esta realidade? Antes de tudo, acredito que precisamos

percorrer um caminho de aprofundamento e de ascensão espiritual diante de Cristo eucarístico; necessitamos de reavivar o sentido de pertença a Cristo, a quem consagramos a vida, prometendo amor e fidelidade; urge lançar um novo olhar sobre a pessoa de Jesus misericordioso na eucaristia. A contemplação do rosto de Cristo na Hóstia Santa alimenta a vida interior e molda os corações para o exercício da caridade. Ademais, diante da fonte eucarística de misericórdia, ocorre o reavivamento de nossa afeição pela pessoa de Jesus e desperta a vontade de servir como Ele serviu. Temos uma vocação maravilhosa que não nos permite viver indiferentes aos apelos de Deus na pessoa dos pobres. O segredo para vencer as tentações da indiferença é rezar diante da eucaristia, a fonte da misericórdia que humaniza e salva. Acredito que o amor entra no coração daqueles que rezam diante da eucaristia. É preciso deixar-se seduzir por esse amor, como outrora o profeta Jeremias deixou-se seduzir pelo amor de Javé, que venceu todas as suas resistências (Cf. Jer 20,7). Quando os nossos corações forem captados pelo grande amor da eucaristia, seremos capazes de enormes sacrifícios para exercer a misericórdia e praticar atos de verdadeiro heroísmo. A vida doada do Padre Eymard [Cf. dom de si], é uma prova de que ele foi seduzido pelo amor de Deus presente na eucaristia e o transformou em serviço. Daí ser fácil de concluir que o caminho da santidade começa sempre por um encontro pessoal com Cristo. A vida eucarística não é outra coisa senão uma tomada de consciência do laço que nos une a Cristo e nos liga de modo indissolúvel à sua pessoa, para fazermos a experiência kenótica do seu amor misericordioso. Nossa espiritualidade eucarística é, pois, aquela que segue o caminho da opção radical e definitiva por Cristo servidor, é a via que nos leva ao Monte Tabor, para sermos transfigurados e configurados com o Senhor. Aqui, vale a pena recordar o que disse o Apóstolo Paulo aos romanos: “*Deus nos destinou para sermos conforme a imagem do seu Filho*” (8,29). Qual é o objetivo do Padre Eymard quando explora a misericórdia de Deus na Sagrada Escritura? Em primeiro lugar, ele se dedica a esse trabalho formativo e pastoral

para revelar as maravilhas de Deus na história da salvação; depois, sua intenção é despertar a fé no agir misericordioso de Deus, aprender dele e praticar suas virtudes. Para tanto, é sumamente necessário identificar-se com Cristo eucarístico, adquirir seus sentimentos, assumir sua humildade, viver do mesmo amor do Pai que ele viveu, ou seja, do amor kenótico que sai de si e se abaixa para servir. Essa é uma das exigências básicas do ideal de vida religiosa sacramentina; em outras palavras, é a orientação fundamental do agir daquele que faz o dom de si. O homem eucarístico se submete a Deus, aceita a sua vontade e assim caminha para a santidade. Fora da entrega pessoal a Deus corre-se o risco de naufragar no mar das ilusões. O nosso alimento é o mesmo de Jesus: fazer a vontade do Pai do céu e realizar a sua obra (*Cf. Jo 4,34*). Isso significa ajudar a redimir e salvar os irmãos, participando dos dramas da sua paixão e praticando as ações próprias de um samaritano da eucaristia. A missão eucarística é também uma missão de compaixão. O caminho da eucaristia é o caminho do amor que se abre à vida. A realização da vontade de Deus passa por essa experiência. E é preciso querer fazer o que Deus quer. O homem eucarístico não tem medo de fazer morrer, em si, o que não faz viver. Para sermos misericordiosos como o Pai do céu é misericordioso, é preciso aprender a *sentir* como Cristo, *pensar* como Cristo, *viver* como Cristo e *agir* como Cristo. Quando faço o dom de mim mesmo a Deus e me torno um servidor misericordioso, transformo a eucaristia em serviço, assim supero a tentação do comodismo e me faço pão partido para os famintos do mundo. Toda vez que me faço um servidor gratuito é Cristo que opera através da minha pessoa, ou melhor, como disse o Padre Eymard: “*é Cristo que vive em mim*” (*Gl 2,20*). O fundador compensa por sua generosidade o que os outros não querem ou não podem fazer. O dom de si é a marca característica da sua vida. É a realização e o coroamento da vocação eucarística de um sacerdote que esteve sempre a caminho... Só as almas santas são capazes de tamanha doação. Os discípulos humanizados pela eucaristia não vivem para si, mas para Deus e os irmãos. Em tudo, deixam-se guiar pelo amor e pela misericórdia, de

modo que no apostolado eucarístico o amor celebrado e adorado se intensifica em relação aos que sofrem, aos infelizes e aos pecadores. Assim sendo, os herdeiros da espiritualidade eucarística do Padre Eymard manifestam mais com as obras do que com as palavras o vigor da misericórdia que provém do coração eucarístico de Jesus. Como sacramentinos, devemos revelar o amor e a misericórdia de Deus tanto nas obras como nas palavras. A nossa espiritualidade implica, em seu desenvolvimento, uma participação nas cruzes dos crucificados. Os Cirineus eucarísticos, além de conviverem com a cruz da própria vida, ajudam os crucificados que encontram pelo caminho e com eles partilham a fé, a esperança e a caridade. As pessoas que suportam sofrimentos e desgraças de toda espécie, quer nos níveis físico, psíquico ou moral, são vítimas também dos pecados... E tudo isso significa uma carga insuportável de dores, humilhações, angústias e tristezas que se abatem sobre a vida. É preciso que a potência do amor misericordioso que jorra da eucaristia prevaleça sobre o pecado e as infidelidades. Ao abordar o tema da misericórdia em suas atividades formativas e pastorais, o Padre Eymard certamente quis que aprendêssemos de Deus a observar as situações das pessoas e a ouvir os clamores dos aflitos que padecem sob o jugo da escravidão. Em nossas ações, é preciso individuar o amor, a compaixão e a misericórdia. Aprendamos com nosso Senhor: ele cuida pessoalmente de cada um de nós e assim devemos cuidar uns dos outros. Urge assimilar e praticar as lições de Jesus, o Pão da vida. A misericórdia manifestada na eucaristia é o grande para-raio de Deus que nos protege das intempéries. A fé eucarística nos faz compreender o sentido profundo desta misericórdia. Em primeiro lugar, a eucaristia não é retórica, mas testemunho de vida doada, consumida, esvaziada. O Padre Eymard recolhe alguns fragmentos da rica tradição bíblica sobre a misericórdia e os apresenta como proposta de conduta evangélica e caminho de santidade. Ele vive do sacramento do amor, por isso o seu amor fraterno é forte e cheio de valores, tais como: paciência, generosidade, compromisso, fidelidade. O dinamismo da sua vida é contagiante e a riqueza do seu apostolado é

edificante, porque revela um sacerdote rico de Deus, trabalhador e misericordioso. Enfim, vê-se no Padre Eymard a figura de um autêntico servidor que sabe conjugar a mística com a missão. Para ele, não pode haver mística sem missão, nem missão sem mística. O equilíbrio entre contemplação e ação é o que se espera dos religiosos e leigos que seguem a sua espiritualidade. Que jamais nos falte diálogo, cooperação e caridade na vida religiosa, na Igreja e na sociedade. Paracatu – MG, 11 de novembro de 2016. Dom Jorge Alves Bezerra, SSS – Bispo diocesano de Paracatu – MG, Brasil.

Misericórdia ou empatia: duas palavras para falar do amor

Francisco Junior De Oliveira Marques, SSS

Sumário

Introdução

1. Entrar na misericórdia guardados pela Palavra
2. Propor um acesso moderno à misericórdia
3. *Vita communis est mea maxima penitentia: a misericórdia na vida consagrada*

A modo de conclusão

Bibliografia

Introdução

Para ajudar-nos na nossa jornada sobre “misericórdia”, proponho três “pontos reflexivos”. Portanto, temos: (1) entrar na misericórdia guardados pela Palavra; (2) propor um acesso moderno à misericórdia; e, (3) relacionar a misericórdia com a *vita communis* do consagrado.

Antes de fazer esse caminho teológico-existencial, desejaria construir um acesso poético ao tema da misericórdia.

Nossa cultura ensina-nos a clicar sobre as palavras e, em cada click, um mundo se abre cheio de possibilidades. O mesmo acontece quando clicamos em algumas Palavras bíblicas; abrem-se janelas e um mundo rico em promessa; e um desejo de lançar-se para frente.

Nosso click é sobre Ex. 34, 8: אֵל רַחוּם יְהוָה יְהוָה (Adonai, Adonai 'él ra·hūm), “Senhor, Senhor, Deus misericordioso, cheio de graça e lento na ira”. Este texto é um dos santuários da Bíblia, e é a revelação dos atributos de Deus (misericordioso, compassivo, lento na ira, fiel). O atributo que mais nos interessa é ra·hūm ou misericórdia.

Típica da sensibilidade bíblica, misericórdia é um afeto, concreto e físico, de sentido materno. Ra·hūm deriva de re·hem, útero materno (lugar onde se plasma o filho do homem). O profeta Jeremias reforça esse sentido materno de Deus em 31, 20: “Não é Efraim, filho querido, eternamente amado por mim. Todas as vezes que falo contra ele mais viva se torna em mim a sua lembrança. E meu coração se comove ao pensar nele. Terei misericórdia dele.”

Re·hem, é encontrar-se imerso em uma vida intensa de relato poético. A misericórdia não é um conceito ou sistema (Karl Barth), mas poesia que contrasta com o discurso da justiça.

O Deus bíblico sempre está entres dois atributos: misericórdia e justiça. Mas inevitavelmente, sua balança desequilibra em direção a misericórdia. Em Ex. 20, 5-6, apesar da justiça aparecer em primeiro lugar (v. 5), a misericórdia a superar em número (v. 6). De fato, Deus é livre das amarras de nossos sistemas e sempre inclinado a íntima relação com a misericórdia.

Esse *switch* (ponto de passagem) torna o principal atributo de Deus, a misericórdia, uma virtude dramática, concreta e preta de sentimento.

Clicar em Ra·hūm é clicar na janela que nos abre um mundo de criação afetiva, poética, concreta.

É esse mundo que acessou o gênio de Dante, já envolvido nesse drama poético e comungando com a tradição do pensamento cristão ocidental. E, para tocar o mundo de Dante, devemos fazer um esforço de fantasia. É difícil pensar o tempo de Dante. Havia uma característica fundamental, familiar ao homem e a mulher medieval, a saber, a pergunta pelo destino. Para o homem contemporâneo essa pergunta é sinal de doença mental. Se nos colocamos essa pergunta, nos dizem: mas o que está fazendo? Há toda uma geração adulta que faz questão de dizer: voa baixo, pensa no trabalho, pensa concreto. Essas perguntam nos darão um bom salário por acaso?

Mas Deus nos quer assim? De fato, Deus não quer seus filhos apenas accontentados (acostumados); mas contentes, felizes.

Pensemos a época de Dante. Se o víssemos passando por Florença, às 8h da manhã, comendo um corneto. E, ali na rua, perguntássemos: Ei Dante! Que valor você dá a vida ou o que você busca? Mas que pergunta óbvia, responderia. É claro que busco ser adequado a razão para qual estou no mundo, a realização de minha vocação, da minha felicidade. Mas o que é ser feliz? Mas que pergunta estúpida retrucaria nosso poeta. O homem é feito para conhecer a verdade, praticar o bem e construir o mundo à luz da beleza. Para isso estou no mundo. Afinal, o que me diferencia do meu cachorro ou do meu gato, senão estabelecer a moralidade. Não aquela filosófica ou teológica, mas a moralidade prática e concreta, aquela que me dá consciência do sentido exato das minhas palavras; do sentido de dizer que tenho um amigo, ou da angustia ou do sentido profundo quando digo a uma mulher, eu te amo. Afinal, como se faz estar no mundo e não saber o sentido verdadeiro, bom ou belo do que dizemos? Ou como dizem os antigos: *veritas, bonum et pulchro*. A felicidade é perseguir essa três coisas, vivem em direção a isso sempre.

Esse Dante que diz que o objetivo da vida é o belo, bom e o verdadeiro, é o mesmo que diz que essa experiência tem um ponto catalizador na vida. Há um ponto atrativo na vida que concentra

toda beleza, todo bem e toda verdade de nós mesmos; e ainda, esse ponto é afetivo.

Em seu livro, “Vida Nova”, Dante revela essa recordação profunda de si mesmo, o acontecimento de revelação de si más genético, mais profundo, mais estrutural; um ponto afetivo que condensa tudo sobre ele mesmo. E esse ponto é uma jovem, chamada Beatriz (portadora de felicidade).

A relação de Dante com Beatriz é a promessa da felicidade. E o encontro com a felicidade coincide com o encontro com a misericórdia. Assim lemos de Dante:

“Quando a encontrava, na esperança da maravilhosa saudação não só esquecia todos os inimigos, como me ganhava uma chama de caridade que me fazia perdoar a quem me tivesse ofendido. Se no momento alguém me perguntasse qualquer coisa, a resposta que daria, com o rosto vestido de humildade, seria apenas “Amor”. (Vida Nova, XI)

Perdão e amor estão profundamente imbricados. Deus amou por primeiro e o seu amor não pode ser senão perdão e misericórdia.

Ao início do nosso caminho introdutório, acessamos a poética bíblica ao clicarmos em *’él ra·hūm* – “O Deus misericordioso”, recordamos que Deus inclina para a compaixão, exatamente porque seu amor é materno ou de um esposo apaixonado (Oseas). Perdão, compaixão e misericórdia apenas pode ser entendido no contexto do amor. Só aquele que ama se compadece de verdade.

A experiência existencial-poética de Dante é tão autenticamente teologal. Amor e misericórdia se tocam no encontro com sua amada. “Quando a encontrava, na esperança da maravilhosa saudação não só esquecia todos os inimigos, como me ganhava uma chama de caridade que me fazia perdoar a quem me tivesse ofendido.”

No encontro, toda inimizade se dissipava; e dava lugar a caridade que o movia ao perdão de tudo e todos e a profunda humildade; reconhecimento absoluto de nossa fraqueza diante do poder invencível do amor.

Inegavelmente, amor e misericórdia se coincidem. Quem ama é capaz das mais tremendas loucuras, dos mais absurdos perdões; e com o rosto em terra, de profunda humildade; tudo perdoa. O apóstolo Paulo foi insuperável nessa relação entre perdão, misericórdia e amor:

"O amor é paciente, o amor é bondoso. Não inveja, não se vangloria, não se orgulha. Não maltrata, não procura seus interesses, não se ira facilmente, não guarda rancor. O amor não se alegra com a injustiça, mas se alegra com a verdade. Tudo sofre, tudo crê, tudo espera, tudo suporta" (1Cor 13, 4-7).

E é dessa experiência de amor de Dante que nasce a Divina Comédia. Esta obra é um grande poema de misericórdia; especialmente o purgatório. A Divina Comédia é a pergunta sobre nós mesmos e o reconhecimento absoluto que de nós só podemos dizer uma palavra, nada somos e tudo que temos ou recebemos, o recebemos de graça; absolutamente e imerecidamente.

A vida é uma selva escura, e assim começa Dante sua obra: "Da nossa vida, em meio da jornada, achei-me numa selva tenebrosa".

E a nossa salvação dar-se com a coragem de lançar nossos olhos para cima, tirar nossa vida do entorno do nosso umbigo. Sabemos que dentro de nós há a possibilidade de um bem. Levantar o rosto e, do fundo da selva, deixar o sol iluminar: "Ao alto olhei, e já, de luz banhado, vi-lhe estar às espaldas o planeta, que, certo, em toda parte vai guiando".

Descreve Dante sua viagem: mas, ainda tentando sair da "selva escura", lhe aparecem a pantera e o lobo que tentam devorá-lo.

Então, já quase para perder-se, aparece-lhe a feliz misericórdia que lhe oferece ajuda. Para sair da “selva escura” (o inferno) não é simples. Dante tem que percorrer um longo caminho. Dante diz-se incapaz e demonstra uma falsa humildade. De fato, a autentica humildade é uma atitude combativa, já a falsa humildade é apenas um alibi para permanecer no conforto da fraqueza. É uma forma de dizer que não consigo viver a altura de minha vocação. Por isso, é necessário seguir viagem em direção ao purgatório.

E para arranca-lo da falsa humildade, o mensageiro (Vigilo) diz a Dante, vamos, coragem pois estava eu bem e foi por causa de uma bela moça que vim socorrer-te. Ela (Beatriz) intercedeu por Ti, junto a Luzia e a Maria, Mãe do Senhor.

A misericórdia nos alcança e não somos nós que a alcançamos. Mais uma vez, é pura gratuidade inesperada de quem nos ama; é Beatriz que pede a Luzia e que intercede por Maria.

É o amor que nos move, nos faz ergue a cabeça e nos dar força para continuar lutando e proclamar como o Apóstolo Paulo: “*Combati o bom combate, acabei a carreira, guardei a fé*” (2Tm 4, 7).

Nossa única salvação é amar de verdade e intensamente, e assim nos apresenta as marcas da misericórdia na historia de amor entre Deus e a humanidade. A Palavra nos guiará nessa descoberta (1); e, a mesma palavra, nos conduzirá a abraça a empatia como evento moderno das relações misericordiosas (2). Finalmente, *a vita communis* do consagrado é o lugar privilegiado da empatia como acesso a misericórdia.

1. Entrar na misericórdia guardados pela Palavra

A revelação explícita do Deus misericordioso está intimamente ligada ao Êxodo. Deus é o Deus que vê a aflição do seu povo, escuta os seus clamores e desce para liberta-los (cf. Ex. 3, 7).

Na tradição bíblica, Deus não é um Deus apático, mas um Deus vivo, aflito, compassivo, apaixonado e parcial. É um Deus que se humilha e desce para salvar o seu filho amado. Mas a descida de Deus não revela fraqueza, e sim, santidade, superioridade e soberania.

No contexto da revelação da misericórdia, em Ex. 3, no monte Horeb, Moises vê a sarça que arde sem se consumir; por respeito, cobre o rosto, não se atreve a aproximar-se para ver mais de perto; deve descalçar-se, pois o solo que pisa é sagrado. Quando Moisés pergunta a Deus o seu nome, recebe a resposta enigmática: em hebraico, “*Ehyeh Asher Ehyeh*” [אֶהְיֶה אֲשֶׁר אֶהְיֶה,] ou grego, εγώ ειμι ho ων. Martin Buber e Franz Rosenzweig traduz essa expressão por: “Serei aquele que serei”. Contudo, a versão que predominou e marcou toda a teologia ocidental, foi aquela da tradução grega (LXX, tradução para o grego da bíblia hebraica nos anos 200 a.C), que lê a revelação em chave helenística, como: “Sou aquele que é”. Deus é essência, inatingível, mas racional (pois, ser e fé se tocam).

Tomando distancia desse caminho, a nova estrada de encontro com a revelação nos conduz a sensibilidade hebraica, onde o ser é existência concreta e, nesse sentido, o nome de Deus, sua revelação, “Serei aquele que serei”, significa a promessa divina, “Sou aquele que está lá”. Estou junto a vós e convosco na vossa aflição e no vosso caminho. Ouço os vossos gritos e lamentações. A revelação do nome de Deus é a revelação da sua aliança: “Tomar-vos-ei para mim como povo e eu serei para vós Deus”(Ex. 6, 7).

Assim, da revelação de seu nome, Deus mostra sua intimidade: o ser de Deus é existência para o seu povo e com o seu povo. O ser de Deus não é existência sem mais, mas pró-existência, e esse é o seu mistério.

O termo compaixão não aparece na revelação do Horeb, apesar de já ser sugerida aí. Compaixão, como tal, aparece numa situação dramática. Deus tinha libertado o seu povo e lhe feito aliança nas tabuas das leis (cf. Ex. 20, 1; Dt 5, 6). Mal foi selada a Aliança, o povo de Israel volta a quebra-la (Ex. 32). Moisés intercede e faz memória a Deus da sua promessa, pedindo-lhe clemência e compaixão: “Mostra-me tua glória”.

Aqui acontece a segunda revelação do nome de Deus, quando Ele proclama: “Concedo a minha benevolência [*hen*] a quem eu quiser e uso de misericórdia [*rahamim*] com quem for do meu agrado”(cf. Ex. 33, 19). Finalmente, na manhã seguinte, tem lugar a terceira revelação do nome de Deus. Ele desce perante Moisés e exclama: “Senhor, Senhor! Deus misericordioso [*raham*] e clemente [*hannun*], vagaroso na ira, cheio de bondade [*hesed*] e de fidelidade [*‘emet*”(Ex 34, 6).

Para consolidar a revelação do nome de Deus, compassivo, misericordioso, clemente e fiel, a tradição profética nos apresenta Oseias. Nosso profeta vive um momento ainda mais dramático, o povo havia violado a aliança e converteu-se numa prostituta. Por isso, Deus rompeu com o seu povo, decidiu não mostrar mais compaixão (cf. Os 1, 6). “Aquele povo já não era mais o seu povo” (1, 9). Com isso, tudo parecia ter terminado e o futuro completamente vedado. Acontece, então uma reviravolta em Os 11, 8: “O meu coração dá voltas dentro de mim, comovem-se as minhas entranhas”. O texto hebraico consegue ser ainda mais dramático: Deus subverte a sua justiça, atira-se borda afora e subverte suas próprias leis, pois a divina compaixão se inflama e sua ira é vencida pelo seu amor incondicional. Em Deus, a misericórdia vence a justiça.

Isso não é expressão de um Deus irado que arbitrariamente apazigua sua ira e permite mais uma vez que sua indulgência prevaleça sobre o direito. A justificativa que, segundo o profeta, oferece o próprio Deus é ainda mais abissal e torna evidente a impenetrabilidade ao mistério divino: “porque sou Deus e não um homem, sou o Santo no meio de ti e não me deixo levar pela ira”(Os 11, 8). Com essa afirmação, reconhecemos que sua misericórdia, sua humilhação, seu descer, sua clemência, sua compaixão é um sinal inconfundível, não de fraqueza, mas de sua superioridade, santidade e soberania. De fato, Deus é um totalmente outro em relação ao ser humano, mas não se manifesta na sua justa ira ou transcendência. Sua essência se manifesta na misericórdia.

Portanto, Deus não é um Deus da ira e de justiça, mas da misericórdia. Tampouco se trata de um Deus apático, que permanece no seu trono, indiferente a nossa aflição. Na sua subversão, mostra-se um Deus humanamente comovido, e totalmente distinto de nós, totalmente Outro.

Deus é Santo e Soberano, e sua santidade e soberania, que revela sua pró-existência. É a misericórdia que tudo perdoa e absorve. Perdoar e absorver só é possível para quem, longe de estar submetido as exigências da mera justiça, se encontra acima dela.

Com Deus, fracassa toda a teologia, por muito inteligência que ela seja. Ele não se enquadra em nenhum esquema. Não se pode falar de Deus justo e misericordioso de forma irrefletida, como coisa evidente. Justiça e misericórdia se contrapõem, e a forma de reconciliá-las em Deus, é recordar que a Justiça de Deus é sua misericórdia. Na sua misericórdia, Deus revela-se totalmente outro e ao mesmo tempo totalmente próximo. Sua proximidade desconcertante é sua alteridade soberana. Justamente enquanto próximo e manifesto, *Deus revelatus*, Deus é também, *Deus absconditus*.

Essa história do *Deus revelatus et absconditus* irrompe no tempo já não por empréstimo da pena do escriba ou da voz do profeta. Como diz o Apóstolo Paulo: “Muitas e de diversos modos outrora falou Deus aos nossos pais pelos profetas. Nesses dias que são os últimos, nos falou por seu Filho” (Hb , 1).

Santo Inácio de Antioquia afirma que Jesus procede do Silêncio do Pai (Epístola *ad Magnesois*, 8, 23), aludindo a Sb 18, 14: “Quando o silêncio profundo envolvia toda as coisas e a noite ia a meio do seu curso, então a palavra onipotente desceu do céu e do trono real”. Deus, que parece aos seres humanos longínquo e que, amiúde, pensamos só poder adorá-lo com nosso silêncio, desperta no meio da noite do mundo e, em virtude de uma insondável decisão, emerge do silêncio e comunica-se-nos cheio de graça e verdade na sua Palavra eterna encarnada (cf. Jo 1,1).

O Evangelho de Mc, logo no início proclama: “Completo-se o tempo e o Reino de Deus está próximo” (1, 14). A ideia de que o tempo está cumprido é uma noção muito comum na apocalíptica protojudaica. Jesus assume-a, e ao mesmo tempo, transcende-a, pois, disse, nem mais nem menos, que chegou esse momento. Com sua vinda deu-se início a mudança de época, pois o Reino de Deus irrompe na atividade de Jesus

(cf. Lc. 4, 16-21). Reafirmando esse anúncio, Jesus diz aos discípulos de Joao que vão ter com ele e lhe perguntam se Ele é aquele que deveria vir. Jesus sintetiza sua atividade inspirando-se em Is 61, 1.

Síntese dessas mensagens sinóticas é o Sermão da Montanha: “Felizes os pobres em espirito” (Mt 5, 2). Com o termo pobre, Jesus não se refere apenas aqueles que são pobres materialmente, mas também todos aqueles de coração dilacerado, os desanimados e desesperados, aqueles que se apresentam diante de Deus como mendigos. Jesus dirige-se a todos que suportam fardos pesados (cf. Mt 11, 28).

Jesus não se limita a anunciar; ele mesmo é a mensagem. E, por isso, pode afirmar: “Sou manso e humilde de coração”(Mt 11, 29), compadecendo-se no encontro com o leproso (cf. 1, 41), da mãe que perdeu o filho (cf. Lc 7, 13), pelo povo que tem fome (cf. Mt 15, 32), pelo cego que lhe suplica piedade (cf. 20, 34), pelas pessoas que estão como ovelha sem pastor (cf. 6, 34), junto ao tumulto do amigo Lázaro (cf. Jo 11, 35). Por isso, não faltam pessoas que o segue e lhe grita, Senhor “tem piedade de mim” ou “tem misericórdia de nós”(Mt 9, 27; Mc 10, 47).

A novidade fundamental entre a misericórdia anunciada pelo Antigo Testamento, e aquela vivida por Jesus, é seu caráter definitivo e universal. Jesus abre o acesso a Deus não apenas ao justo, mas a todos. Os pecadores são os primeiros destinatários da mensagem de Jesus; estes são os espiritualmente pobres. Diferente dos homens da Lei, Jesus come com os pecadores (cf. Mc 2, 13), é amigo dos publicanos (cf. Lc 7, 34). Em casa do Fariseu Simão mostra misericórdia com a prostituta, pecadora publica (cf. Lc 7, 36). Quando os homens de religião se escandalizam, ele explica: “Não são os que tem saúde que precisam de medico, mas os que estão doentes”(Lc 5, 31). E o cerne da mensagem de Jesus é que todos nós, especialmente os mais pequenos, tem acesso a uma relação pessoal e filial com o Deus que é Pai (Abba, cf. Mt 14, 36).

O início do ministério de Jesus, filho misericordioso, gera entusiasmo. Mas logo, sua mensagem e obra de misericórdia são consideradas escândalo que o conduzem a cruz, lugar supremo da misericórdia de Deus para com todos nós.

2. Propor um acesso moderno à misericórdia

Absoluta diferença entre Deus e o homem e a absoluta proximidade desse mesmo Deus, especialmente, na carne de Jesus Cristo, reabre um caminho de acesso ao Deus misericordioso e compassivo.

Esse acesso foi, por muito tempo, fechado ao coração do homem moderno, pois sob a alegação do sofrimento injustificado se construiu a pergunta: onde está esse Deus, misericordioso? De fato, o sofrimento, especialmente do inocente, converteu-se na “rocha do ateísmo”(Georg Büchner).

Tornou-se difícil falar de Deus misericordioso, pois o homem moderno não encontra justificativa para o sofrimento, e aqueles que creem, tem sérias dificuldades em caminhar pela noite escura da fé. Fiódor Dostoiévski, que experimentou grande sofrimento, ao descrever uma cena, no seu livro “Os Irmãos Karamazov”, em que um proprietário de um sítio ordena que seus cães despedaçasse uma criança sob o olhar da mãe, confessa: semelhante injustiça de clamoroso sofrimento de uma criança, não pode ser contrabalanceada por nenhuma esperança futura. Por isso, Dostoiévski deseja devolver seu bilhete de entrada no seu.

Diante dessa realidade, Deus se tornou irrelevante, e se é irrelevante, não faz sentido nem sequer protestar contra Deus. A pergunta sobre um Deus misericordioso que inquietou gerações e gerações, nem sequer faz sentido nestes tempos para muitos.

Se Deus tornou-se irrelevante, o atributo mesmo “misericórdia” foi alvo de uma forte crítica. A misericórdia formou a práxis e o pensamento ocidental cristão fundado no postulado do “Deus criador. Nietzsche contrapôs o que qualificou de apolíneo, o pensamento criador dionisíaco, que extravasa de toda forma, o estático pensamento vital. Em consequência do pensamento dionisíaco, Nietzsche vê na misericórdia um aumento do sofrimento. Para ele, misericórdia não é altruísmo, mas uma forma refinada de

egoísmo e auto-fruição, visto que o misericordioso mostra e faz sentir, com desdém, ao pobre, a superioridade daquele que trata o outro com misericórdia. No seu anti-evangelho da misericórdia, “Assim falou Zaratustra”, escreve: “Deus está morto, a sua compaixão pelos homens o matou”. A morte de Deus abre espaço para o super-homem e para a sua vontade de poder. Por isso, numa antítese ao sermão da Montanha, Nietzsche escreve: “Não gosto dos misericordiosos”. Somando-se ao nosso pensador, a escola do “darwinismo social” plantou na sociedade a cultura do mais forte, pois estes, na evolução bio-psíquica, consolidam sua existência frente aos mais fracos.

É exatamente do pensamento moderno de Nietzsche que surgem as ideologias nacional-socialistas (nazismo, fascismo); e por outro lado, é do darwinismo social que estão as bases mais primitivas do ultra-capitalismo.

É ainda significativo que palavras como misericórdia e compaixão tenham deixado de estar na moda e que, estas mesmas possam ressoar, como um sentimentalismo exagerado. Ficaram velhas e antiquadas. Por trás desse novo mundo construído sem Deus, está o pensamento: quem não se curva às habituais regras do jogo dos mais fortes, dos que tem mais saúde e sucesso, quem subverte a ordem da evolução (mais fortes sobrevivem), são ingênuos e deslocados, tal como o príncipe Myschkin, no “Idiota” de Dostoiévski, digno de uma troça compassiva.

Há uma resignação do pensamento, uma sensação de que não vale a pena pergunta-se. Contudo, é Habermas que nos põe a inquietude: “Quando secam os oásis utópicos, abrem-se o deserto de uma banalidade e indefinição.”

Diante dessa afirmação, muitos seguem suportando a absoluta “desilusão”, outros ao invés, são empurrados ao desespero. Então, refloresce os novos caminhos e cada vez mais Deus é retomado na sensibilidade contemporânea. A pergunta do sentido é mais uma vez plantado no coração da nova geração.

Definitivamente, sem a pergunta sobre o sentido e a esperança, degeneramos num animal engenhoso, que só é capaz de se alegrar com as coisas materiais, nos tornando banais e monótonos. Isso mostra que a morte de Deus (Nietzsche), a sua ausência (Heidegger), o seu eclipse (Martin Bubber), é a verdadeira e mais profunda aflição do ser humano. Horkheimer, explica que, definitivamente, “a intenção de salvar o sentido incondicional à margem de Deus é vã”. Theodor Adorno, ao falar da “incompreensibilidade do desespero”, afirma: “o conhecimento não tem mais luz do que aquela que a salvação faz resplandecer sobre o mundo: tudo o mais se esgota em construções a posteriori e não é mais que um fragmento da técnica”.

Nessa retomada, a pergunta sobre o “Deus rico em misericórdia” (Ef. 2, 4) reaparece como postulado necessário. É fundamental pensar no Deus que nos consola para que nós possamos ter forças e nos consolarmos uns aos outros (2Cor 1, 3).

Definitivamente, se não somos capazes de anunciar de uma forma nova a mensagem da misericórdia divina às pessoas que padecem de aflições corporais e espirituais, deveríamos calar-nos sobre Deus.

Exatamente por isso que se abre um clamor em busca da misericórdia, que recebe um novo nome: empatia ou a compreensão por meio da identificação afetiva. Identificar-se com a situação, com o mundo de sentimentos, pensamentos e experiências existenciais de outra pessoa, colocar-se no seu lugar, a fim de entender a sua maneira, de pensar e agir, é hoje tido como condição indispensável das relações bem sucedidas e demonstração de verdadeira humanidade. Introduzir-se no mundo de sentimentos, de pensamentos, de experiências existenciais e culturais dos outros é condição de convivência pacífica e de colaboração.

Como vimos no início com Dante, misericórdia como empatia só se dar quando conseguimos tocar o outro com o nosso amor, pois quando amamos toda inimizade desaparece diante de nossos olhos e conseguimos perdoar, afinal, apenas perdoamos o imperdoável

(Jacques Derrida) e este só alcança nosso perdão pelo amor, misericórdia ou empatia.

No nosso texto-fundante do ultimo Capitulo Província 2014, “ Vinde, comei” (21, 12), reconhecemos a profunda capacidade de empatia do Senhor. No início da perícopre (cf. Jo 21, 1ss), onde está nosso texto bíblico referente, Pedro havia desistido de ser discípulo de Jesus. Pedro estava desesperançado. Jesus tinha sido crucificado e ele viu o seu tumulo. Além do mais, o mesmo Pedro havia negado o mestre. O que fazer? Onde refugiar-se? Volta para vida anterior, fazer o que sempre fez e, por isso, tomou a decisão: “Vou pescar” (v. 3). Os outros discípulos só poderiam fazer a mesma coisa: “também vamos contigo” (v.3). A sobra da morte, os dias que se passavam, a frustração de terem perdido tudo por confiarem no mestre fracassado, os levavam para longe de Jesus. Mas, o Senhor não desiste, porque quem ama não desiste. Ele tem habilidade para compreender profundamente o que a outra pessoa sente e de comunicar-se com o estado emocional do outro. Jesus não quebra a cana rachada, nem apaga a chama que ainda fumeja (cf. Is 42, 3). Ele sintoniza com eles em seu estado emocional e compreende suas catarses. Jesus entra mais uma vez em seu mundo, realiza a pesca milagrosa e os convida “vide comer”. Aproximem-se, partilhem comigo; eu lhes perdoo, não se preocupem, deixem de lado seus temores. Definitivamente, a misericórdia é um dom do amor, que tem como nome, empatia.

Nas nossas relações interpessoais só temos misericórdia se nutrimos empatia, se nos colocamos no lugar do outro por meio da imaginação, compreendendo seus sentimentos e perspectivas e usando essa compreensão para guiar as próprias ações. Contudo, para isso, há outro movimento do espirito fundamental, é ou amar ou estar envolvido pelo amor. Se não fazemos experiência do amor não podemos ter empatia, mergulhar na misericórdia, enfim, perdoar.

3. Vita communis est mea maxima penitentia: a misericórdia na vida consagrada

Da diferença à proximidade, reconhecemos no Deus bíblico a força de uma existência que tem um único fim, fazer de sua justiça, uma injusta misericórdia. E essa injusta misericórdia foi profundamente rejeitada pelo homem moderno, que não admitiu sentir-se menor diante daquele que perdoa, que ama e abraça. O super-homem não aceita a humilhação da compaixão. Mas, a insondável natureza egoísta do super-homem construiu auschwitz e o capitalismo selvagem que até hoje conhecemos. Então, o mundo quis se reconciliar com a misericórdia, compaixão e sentir “empatia”.

Empatia é palavra para misericórdia e compaixão. Está no mundo de sentimentos, nas experiências, na dor, no sofrimento espiritual e material é condição para humanização do homem.

Nesse caminho de encontro e desencontro com a misericórdia de Deus, os consagrados poderiam encontrar-se na mesma dinâmica, entre a contemplação do Deus bíblico, a sua rejeição pelo deus dionisíaco e a recuperação pela empatia. E o lugar da pergunta central que move a vida religiosa nesse caminho e descaminho é o sofrimento da vida em comum.

Nos perguntariamos: que sentido tem suportar tamanha dor? Por vezes, tamanha violência? Usando Martin Luther King nesse diálogo, daríamos: “Aprendemos a voar como os pássaros, a nadar como os peixes, mas não aprendemos a simples arte de vivermos juntos”.

O drama de viver em comum é, sem dúvida, nosso maior sofrimento, a “pedra de toque” do nosso ateísmo, da nossa descrença no Deus misericordioso, e mais o intenso sentimento de orfandade.

A vida religiosa exerce um natural encanto em todo mundo, sobretudo nos jovens. Contudo, vive-la e persevera nela é um jogo complexo de fidelidade e infidelidade, de conflitos, de esperança e

desesperança. Nas palavras do Jesuíta João Berchamans, a “vida comum é minha máxima penitencia”. Reforçando essa experiência, quando o monge trapista, Thomas Merton foi perguntado se ele fazia penitencia, ele respondeu: a vida já é uma mortificação. Em uma leitura profundamente pessimista da vida consagrada, dizia Voltaire: os religiosos “entram sem conhecer-se, vivem sem amar-se e morem sem chorar um pelo outro”.

Contudo, positivamente, nosso texto se traduz melhor: viver bem juntos a comunidade é a máxima perfeição que se pode alcançar. De fato, para a vida consagrada essa ascese é verdadeira metanoia que pode ser marcada pela dor monumental e esperançosa de sua leitura negativa ou de um caminho de conversão vivido na alegria de uma luta constante pela convivência.

Nesse caminho, a dor absoluta é perfilada pela falta de amor-identificação com aqueles se convive; enquanto que a metanoia dar-se pelo amor que gera misericórdia e nasce da empatia.

A dificuldade de empatia dar-se pelo “medo de ligar-se” ou pela solidão. Os religiosos tem uma crônica falta de sentimento ou, mais precisamente, são desautorizados de exprimir seus sentimento, muitas vezes escondidos atrás de seus papeis, que não poucas vezes produzem frustrações reciprocas e ofensas patogênicas no âmbito do contato pessoal. Por causa dessas situações, cria-se uma separação entre a existência consagrada e a esfera das emoções, pelo fato da necessidade de fugir do perigo das emoções demasiadas intensas. Contudo, a bem da verdade, o que sufoca os sentimentos pessoais não é, em primeiro lugar, seu papel profissional, mas sua insegurança ontológica no confronto da sua subjetividade.

Para constatar essa realidade basta observar como os religiosos se tratam entre si, e como se comportam na vida privada. Cada ligação humana forte comporta um carga psíquica afetiva, por exemplo, é necessário saber o que esperamos da outra pessoa e o que experimentamos no encontro interpessoal. Um paradoxo na existência do consagrado está no fato de que, por causa da

funcionalização de todos os seus interesses, o plano de sua existência humano esta escondido. Nesse sentido, os consagrados assemelham-se as locomotivas ferroviárias, sempre a serviço da mesma empresa; se movem (no plano ideal) independentemente, evitando assim colisões e desencontros, viajando sempre em linhas paralelas. A obrigatoriedade de neutralização de todos os relacionamentos afetivos leva-nos a pensar nas monades leibnizianas. O medo de ligar-se jamais permitiria um religioso perder seu coração para depois encontra-lo. Há, de fato, uma verdadeira angustia diante do ligar-se, uma angustia que, ainda que suportasse, seria bloqueada desde o início para não sentir.

A sombra desta solidão, cresce lentamente a angustia existencial, revestida daquela insegurança ontológica. Facilmente se pode observar como muitos consagrados trabalham incessantemente no cuidado pastoral ou burocrático até chegar ao exaurimento e o preço a pagar pelo seu ofício é a a-personalidade, a solidão.

Faz pouco sentido viver nesse estado de coisas, faz pouco sentido ter a vida consagrada como minha máxima penitencia, ou seja, como psicogênese de uma vida “desvinculada”.

Em uma palavra, *Vita communis est mea maxima penitentia*, significa assumir o sofrimento da vida cotidiana como um caminho de salvação e de libertação; significa “combater o bom combate”, porque o lugar privilegiado escolhido para viver e gastar minha vida, foi e será a vida consagrada, a vida entre irmãos. Finalmente, significa escolher ser feliz sendo empático com o mundo que me envolve.

A modo de conclusão

O único caminho da salvação é o amor. Com as palavras de Dostoievski nos lábios, me pergunto: que beleza salvará o mundo? Penso ser o amor. Apenas ele toca empaticamente nosso coração e nos faz revelar toda potencialidade de bem que temos. Portanto, é

preciso amar, é necessário não temer se ferir, é fundamental se deixar ferir pelo amor, viver apaixonadamente no sentido da “Paixão de Cristo”, do amor que é dor e entrega, mas que é a única forma de sermos verdadeiramente humanidade.

Bibliografia

ALIGHIERI, D. A divina comedia – bilíngue (Landmark, 2011).

DREWERMANN, E. Funzionari di Dio. Programma di un ideale (Retia: 1995).

CONFERENZE: BIBBIA, LETTERATURA E TEOLOGIA, Dante e la misericordia / 1. Piero Boitani - Giuseppe Bonfrate - Jean-Pierre Sonnet. Em: youtube.com.

CONFERENZE. Franco Nembrini: La Misericordia nella Divina Commedia. Em: youtube.com.

KASPER, W. A misericórdia. Condição fundamental do Evangelho e chave da vida cristã (Loyola: 2015).

Lectio Divina - Domingo 01 de janeiro de 2017

Solenidade de Santa Maria Mãe de Deus

Pe. Christian Retamales,sss

Refrão meditativo

Onde reina o amor, fraterno amor. Onde reina o amor, Deus aí está.

Presidente: Em nome do pai, do Filho e do Espírito Santo

Vinde Espírito Santo, enchei os corações dos vossos fiéis e acendei neles o fogo do Vosso Amor. Enviai o Vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra.

Oremos:

Ó Deus que instruístes os corações dos vossos fiéis, com a luz do Espírito Santo, fazei que apreciemos retamente todas as coisas segundo o mesmo Espírito e gozemos da sua consolação.

Por Cristo Senhor Nosso. Amém

Canto inicial:

1- És, Maria, a Virgem que sabe ouvir,
e acolher com fé a santa Palavra de Deus.
Dizes sim e logo se tornas Mãe ;
Dás a luz depois o Cristo que vem nos remir

**Virgem que sabe ouvir o que o Senhor te diz.
Crendo geraste quem te criou! Ó Maria, tu és feliz!**

2- Contemplando o exemplo que tu nos dás.
Nossa igreja escuta, acolhe a Palavra com fé
E anuncia a todos, pois ela é pão / que alimenta;
É luz que a sombra da História desfaz.

Lectio (Lucas 2,16-21)

O que o texto diz? Em primeiro lugar se faz a leitura do texto.

Neste primeiro contato com o texto se faz a pergunta: o que este texto quer passar? Pode ser que um comentário bíblico ou a explicação da própria bíblia possa ajudar neste primeiro contato.

“Naquele tempo, os pastores correram para Belém e encontraram Maria e José, e viram o menino deitado na manjedoura. Então contaram o que os anjos tinham dito a respeito dele. Todos os que ouviram o que os pastores disseram ficaram muito admirados. Maria guardava todas essas coisas em seu coração e pensava muito nelas. Então os pastores voltaram para os campos, cantando hinos de louvor a Deus pelo que tinham ouvido e visto.

E tudo tinha acontecido como o anjo havia falado.”

Medite:

O que Deus tem para dizer-me neste texto? Perceber se há algo que Deus quer dar-me a conhecer neste texto. Pode se relacionar com uma experiência de sucesso em sua vida. Pois bem, meditar é colocar minha situação atual com todo que ela implica sob a luz e a força transformadora da palavra divina que o Espírito faz fecundar com sua presença.

Dom Hoscar Homero um santo homem de Deus nos fala:

“ Quando chegou a hora que aquele povo tinha que oferecer uma mulher, para que o nascesse filho de Deus fosse também filho de mulher, é o mesmo que dizer que o homem verdadeiro encontrou

em Maria a mulher educada, porque assim, dizem os santos, que Maria encarnou antes em sua mente, em sua fé a Deus. E só quando Deus se sentiu encarnado na santidade daquela mulher, a escolheu. Maria nos aponta o caminho para que possamos compreender quem é Jesus Cristo.”

Sendo assim, quando aparece a aurora é sinal que vai aparecer o sol, quando encontramos Maria é sinal que Cristo está por perto. A razão do existir de Maria é para nos conduzir a Cristo.

Ao olharmos para Maria somos chamados a contemplar Cristo. Maria é o sinal da presença de Cristo. Portanto, irmãos, quando dizemos que Maria é a Mãe da Igreja, estamos dizendo também que a Igreja e Maria são a presença de Cristo.

Se a Igreja é fonte de salvação é porque ele prolonga a missão salvadora de Cristo. Se Maria é uma fonte de inspiração e amor em nossa oração, é porque nos dá, a ternura, a redenção do nosso Senhor Jesus Cristo. Maria é sinal da presença de Cristo.

Orar:

O que eu quero dizer a Deus no texto?

É diálogo com Deus através das Escrituras. Orar com a palavra é entrar é adentrar-se, é uma oração que me descentraliza, pois me leva a preocupar de forma filial aos interesses de Deus e abrir-me aos seus ensinamentos e sentimentos, discernir seus planos para este momento presente.

Refrão

Oi! Louvai ao Senhor nosso Deus, por tudo aquilo que ele nos fez! (Bis)

1. Ele nos reuniu no amor de Cristo e é sempre fiel a seu povo santo.
2. Ele nos deu seu próprio Filho e cumpriu sua palavra de Salvação.

3. Ele está presente em nossa história e caminha á frente do seu povo em marcha.

4. Ele nos alimenta em nossa caminhada e faz da nossa morte, vida e ressurreição.

Contemplanção-Ação.

Contemplar a Deus é para deixar ser olhado por Jesus que me vê além das aparências, permitindo que a força e a sabedoria de Deus me leve até Ele.

Não devemos esquecer que "a contemplação medita não só a mensagem, mas também deve nos levar a realidade; não só no ouvir, mas colocá-lo em prática, não podemos separar os dois aspectos: ele diz e faz, ensina e incentiva, é luz e força".

Canto final

A minh'alma tem sede de Deus
pelo Deus vivo anseia com ardor
Quando irei ao encontro de Deus
E verei tua face, Senhor?

1. A ovelha sedenta procura o riacho
a minh'alma suspira por Deus, onde o acho?

2. Pelas águas que correm suspira a ovelha
pelas fontes de Deus a minh'alma anseia

3. Dor e lágrima são meu constante alimento
"Onde está o teu Deus? ", dizem os maus e aguento

Presidente: Bendigamos ao Senhor

Todos: Graças a Deus.